

Eugênio Pereira da Silva

Graduando do curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA

RESUMO:

Este artigo trata de relatos vivenciados na aula de campo no Assentamento Lagoa do Mineiro em Itarema-CE. O objetivo é descrever a realidade vivenciada no assentamento, saindo de uma visão apenas de leitura e vivendo a realidade do objeto estudado. Para tanto, foi realizado ao longo do semestre letivo, aulas sobre a questão agrária e sobre o MST junto a disciplina de Geografia Agrária sob orientação da Professora Dra. Aldiva Diniz, e para finalizar o semestre foi realizado a visita de campo no dia 01 de Março de 2016. Utilizando de dados qualitativos e quantitativos para entender a realidade de um assentamento. A partir disso, constatou-se que os moradores vivenciaram e vivenciam um processo histórico de desafios, conquistas e lutas pela terra e pelo bem estar da comunidade.

Palavras-chaves: geografia; assentamento; MST; agrária.

ABSTRACT:

This article deals with experienced reports in the field class in settlement Miner Pond in Itarema-CE. The aim is to describe the reality experienced in the settlement , leaving a read-only view and living the reality of the object studied . Thus, it was carried out throughout the semester, classes on the agrarian question and the MST with the discipline of Agraria Geography under the guidance of Professor Dr . Aldiva Diniz, and to finish the semester was held the field visit on 01 March 2016. Using qualitative and quantitative data to understand the reality of a settlement. From this, it was found that residents experienced and experience a historical process of challenges , achievements and struggles for land and welfare of the community.

Key words: geography; settlement ; MST ; land .

1. INTRODUÇÃO:

O presente artigo buscará entender como se dá o processo de lutas pela terra. Sabemos que a mídia hegemônica demoniza todos os movimentos sociais que buscam a melhoria de vida para a população carante, principalmente aqueles que não tem terras, mas que buscam os seus diretos, podemos citar o Movimento dos Trabalhadores Sem Terras, MST, que é um dos principais movimentos atuantes nos dias de hoje. A partir da análise do que nos é imposto pela mídia e o que realmente é verdade nasceu a ideia de buscar conhecer e entender e se aprofundar no estudo da realidade das comunidades. Levando em conta que estamos cursando a disciplina de geografia agrária, esse é o momento ideal para repensar o que sabemos sobre essa questão, a questão agrária que está ao nosso lado e não conhecemos. Sabemos que a geografia é uma disciplina que nos permite isso, nos permite pensar e repensar nossa realidade.

A metodologia utilizada para realização desse trabalho foi de leituras de autores que estudam essa temática (isso se deu durante todo o semestre) e a ida ao campo, visita ao Assentamento Lagoa do Mineiro, à Escola de Ensino Médio Francisco Araújo Barros,

conversas com a Diretora e professores da mesma, além de um dos momentos mais significativos da aula de campo, a visita a casa da Dona Chiquinha, tudo isso em Itarema-CE

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: além desta introdução, a segunda parte traz estudos referentes a pesquisa. A terceira seção traz relatos vistos e percebidos na aula de campo, através de comentários e fotografias. Finalizo esse artigo apresentando as considerações finais.

1. BREVE HISTÓRICO DE LUTAS

O problema da má distribuição de terras no Brasil veio desde a colonização por parte dos portugueses, através da ocupação, exploração e criação de leis que favoreciam uma pequena minoria. Com a divisão de terras surgiram os grandes latifundiários brasileiros e logo após essa desigualdade foi ainda mais evidenciada com a criação das sesmarias e da lei de terras de 1850. Durante todo processo de colonização os proprietários das sesmarias transformaram-se em grandes proprietários de terras, surgindo aí a elite colonial da época. As sesmarias foi a primeira divisão territorial do Brasil, sendo criada para que as terras fossem cultivadas, pois perceberam que o solo brasileiro era fértil, vale lembrar que para obter posses através da sesmarias era necessário que o indivíduo fosse branco, católico e tivesse bom poder aquisitivo. Foi criado também a concessão de terras que era um direito hereditário, mas não poderiam vender ou comprar novas terras.

Em 1850 a Coroa sofre pressões inglesas para substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalho assalariado, e em decorrência da inevitável abolição criou-se a Lei Nº601 de 1850 com intuito de implantar a propriedade privada das terras.

Através desse breve resumo do processo de ocupação de terras, podemos perceber que as leis foram criadas para uma minoria que já tinha poder aquisitivo, o negro continuava sem direito a terra, sem direito a nada. Percebe-se que a Lei de Terras foi criada, principalmente, para impedir o acesso a terra pois beneficiou apenas os ricos da época. Segundo STEDILE(2005) a lei de terras é também a “mãe” das favelas nas cidades brasileiras.

Muitos anos se passaram, 516 anos, estamos vivenciando o capitalismo, percebemos que algumas coisas continuam do mesmo jeito, o que mudou foram apenas as formas de serem praticadas, a desigualdade na distribuição de terras, a escravidão, dentro outros.

● MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E CAMPONESA

Passamos por diversos modos de produção, estamos agora vivendo o capitalismo, baseado na busca pelo lucro e poder, mas diante dessa realidade podemos encontrar os camponeses que lutam, buscam e vivenciam um estilo de vida diferente, baseados na luta pela igualdade de terras e de outros direitos que deveriam ser de todos e não de uma minoria.

Oliveira, ao se referir ao modo de produção capitalista e ao trabalhador, afirma;

As relações capitalistas de produção são baseadas no processo de separação dos trabalhadores dos meios de produção, ou seja, os trabalhadores devem aparecer no mercado como trabalhadores livres de toda a propriedade, exceto de sua própria força de trabalho.

Percebe-se aí o real interesse do capitalismo, a única utilidade do trabalhador é servir de trabalhador braçal, que faça o “serviço pesado” e que não faça parte do próprio meio de produção. Ainda segundo Oliveira, os trabalhadores devem estar no mercado livres dos meios de produção, mas proprietários de sua força de trabalho, para vendê-la ao capitalista. A partir daí podemos perceber que o trabalhador é tido como uma mercadoria, pois com sua força de trabalho consegue produzir mercadorias que proporcionam lucros ao capitalista. Vemos que a realidade da produção camponês é diferente do capitalismo, o camponês não busca o lucro, não usa a terra como recursos para lucrar, o que se usa da natureza é apenas o necessário para subsistência, a produção camponês tem se mostrado ser um símbolo de resistência, pois, sua produção é apenas para o autoconsumo, garantindo alimentos para a comunidade e não se submetendo aos mandos e desmandos da expansão do agronegócio.

Seguindo essa noção de diferenças entre produção capitalista e produção camponês, Oliveira(2007) afirma;

Por isso é mister a distinção entre a produção camponês e a produção capitalista. Na produção capitalista, ocorre o movimento de circulação do capital expresso nas fórmulas: $D - M - D$ na sua versão simples, e $D - M - D'$ na sua versão ampliada. Já na produção camponês, se está diante da seguinte fórmula $M - D - M$, ou seja, a forma simples de circulação das mercadorias, onde a conversão de mercadorias em dinheiro se faz com a finalidade de se poder obter os meios para adquirir outras mercadorias igualmente necessárias à satisfação de necessidades. É pois, um movimento do vender para comprar.

Vemos, portanto, a grande diferença entre os dois modos de produção, o capitalista faz o dinheiro para se obter uma mercadoria que gere ainda mais dinheiro, enquanto o camponês usa a mercadoria produzida para gerar dinheiro e com esse dinheiro comprar produtos não produzidos por ele, mas que é necessário para sua subsistência, portanto, o camponês faz parte do seu meio de produção, ou seja, é dona de sua força de trabalho e também dos meios de produção.

1. VISITA AO ASSENTAMENTO

O assentamento rural é um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, instaladas pelo INCRA onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um único proprietário.

Os Assentamentos rurais são frutos de anos de lutas de pessoas e movimentos sociais, principalmente o MST que faz frente em busca do direito à terra. Segundo o INCRA, no Ceará, existem 454 assentamentos com 21.904 famílias assentadas em uma área de 914.268,02 há. Estes dados são efeitos de ganhos através da luta, mas não é suficiente, muitas coisas devem mudar, muitas coisas devem ser feitas.

O Conceito de assentamento não está ligado apenas a significação citada anteriormente, é também um território de grupos sociais formados por famílias camponêsas que através de lutas conquistaram um pedaço de terra, sendo desapropriada ou adquirida pelos governos com a intuito de cumprir as constituições legais relacionadas a Reforma Agrária.

A partir do momento que as famílias conseguem um espaço, eles entram em acordo entre si sobre tudo relacionado ao assentamento, a forma de organização, produtos que serão

produzidos, tudo é decidido com ajuda e dedicação de todos os membros, pois a conquista não é apenas de uma pessoa, mas sim de toda a comunidade que lutou e conquistou seu território. Segundo Oliveira(2003), o assentamento é um espaço de luta e organização da unidade de produção e consumo camponês. Compreende-se que os assentamentos são uma expressão e continuidade da luta pela igualdade social.

- **ASSENTAMENTO LAGOA DO MINEIRO**

O Assentamento Lagoa do Mineiro, localizado na zona rural da cidade de Itarema, é composto por famílias de sete localidades: Barbosa, Corrente, Lagoa do Mineiro Velho, Córrego das Moças, Cedro e Sagüim. Grande parte das pessoas dessas localidades trabalham nas produções coletivas do Assentamento Lagoa Mineiro.

Segue relatos percebidos a partir da visita ao assentamento.

A aula de campo ao assentamento foi proposta para que os alunos pudessem vivenciar de perto como se dá a organização e o processo de luta da comunidade. A Aula se deu em dois momentos, visita à casa da Dona Chiquinha e visita a Escola do Campo.

Um dos momentos mais enriquecedores foi a conversa com a Dona Chiquinha. Dona Chiquinha é uma típica senhora do campo que não tem medo de nada e vai em busca de seus direitos, independente do que aconteça

Segundo a Dona Chiquinha, há muitos anos as famílias já moravam nas terras do atual Assentamento Lagoa do Mineiro, então o proprietário das terras faleceu, o padre da localidade foi o herdeiro. Anos depois, em uma missa o padre anunciou que as terras seriam vendidas para a empresa Ducoco, quando indagado pela população sobre qual seria o futuro das mesmas, o padre foi grosseiro e respondeu que poderiam ir morar até no inferno, mas de qualquer forma as terras seriam vendidas. A partir desse anúncio, as famílias começaram se reunir para decidir o que seria feito, pois não tinham outros locais para morarem. Dona Chiquinha juntamente com seu esposo e demais moradores da comunidade foram em busca de apoio na Diocese de Itapipoca, e conseguiram, tiveram o apoio do bispo Dom Paulo, o mesmo se disponibilizou a ajudar e ainda ofereceu advogados e duas freiras que trabalhariam com as questões do campo.

Um dos momentos mais simbólicos relatados por Dona Chiquinha se refere ao dia em que a polícia tentou tomar as terras, quando os homens da localidade perceberam a movimentação foram todos enfrentar e defender o território, as mulheres ficaram em casa, mas por pouco tempo, Dona Chiquinha juntou todas as mulheres, pegaram suas bíblias e cânticos e foram à luta, todas marchando e cantando, e com isso todos os policiais se retiraram do local.

Após um longo processo de luta, e com o assassinato de 3 camponeses, a comunidade conquistou um pedaço de terra, mas não era suficiente, a luta continuou e anos depois conseguiram a desapropriação dos demais espaços.

- **ESCOLA DE ENSINO MÉDIO FRANCISCO ARAÚJO BARROS**

Após o processo de luta e conquista do território, veio a necessidade de buscar uma educação que fosse o diferencial, que fosse direcionada aos moradores e a realidade do campo. Junto ao MST, os assentamentos iniciaram a luta por essa escola e conseguiram,

não na quantidade que gostariam, mas no Ceará existem 5 escolas do campo, em Itapipoca, Jaquaretama, Madalena, Monsenhor Tabosa e em Itarema, no assentamento Lagoa do Mineiro. A Escola de Ensino Médio Francisco Araújo Barros, Itarema-CE, foi inaugurada em 2011, com o investimento de R\$ 3,6 milhões por parte dos Governos Federal e Estadual. A unidade conta com 12 salas de aula, laboratórios, biblioteca, sala de vídeo e informática, dependências administrativas, ginásio poliesportivo e anfiteatro. A chegada da escola do campo no assentamento fez diferença na vida de centenas de famílias que moram naquele território. Antes ao terminar o ensino fundamental, os estudantes deveriam ir estudar em Itarema, mas, segundo eles, não se sentiam confortáveis com isso, por diversos fatores. Era distante de casa, não eram bem aceitos por serem do campo e pelo fato de estudar uma realidade que não era a deles.

Na escola do campo é ensinado bem mais que conteúdos das escolas comuns, além de conhecimentos programados pelo Ministério da Educação, os alunos aprendem a ser cidadãos que estarão sempre em busca da preservação do meio ambiente e dispostos a lutar pelos direitos dos menos favorecidos. A escola possui três disciplinas diferentes das escolas comuns; Projetos e estudos e pesquisas, Organização do trabalho e técnicas produtivas e Práticas sociais comunitárias.

Os alunos têm uma identidade com a escola, inclusive o nome da escola é de um camponês de morreu na luta, então isso faz com que se sintam em casa, se sintam acolhidos.

É necessário que os alunos aprendam lutar por uma sociedade justa.

- **MANDALA E CAJUEIRO DO SABER**

Na escola os alunos aprender tudo sobre a produção camponesa, para isso tem a Mandala, nesse espaço aprendem sobre plantação, cultivo e uso dos produtos, além de fazer experimentos que possam trazer melhorias para a comunidade assentada.

O Cajueiro do Saber é um espaço pensado para proporcionar momentos diferentes para os estudantes. Duarente dois dias da semana os alunos têm aulas de período integral, então é aí que o cajueiro do saber é utilizado, em alguns momentos os professores saem de dentro da sala de aula e vai, junto com os alunos, para o cajueiro do saber. Nesse local os estudantes tem mais contato com a natureza e assim podem entender o real significado dela.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As lutas, desafios e conquistas relatadas nesse artigo mostra que a união por uma causa pode trazer mudanças, os assentamentos, o MST, as escolas do campo são realidade, não foi fácil chegar até aqui, pessoas morreram, camponeses foram massacrados e expulsos de suas terras, mas a luta continuou, e isso fez com que a vitória chegasse

Não se pode ficar calado diante de tanta desigualdade existente em nosso país, desde a colonização as terras são colocadas nas mãos de uma minoria, mas a luta pode mudar, percebemos isso ao estudar o assentamento Lagoa do Mineiro, foi um processo difícil de luta, mas conseguiram seu espaço, mas vale lembrar que a luta continua, não se pode ficar acomodado diante de tantas injustiças.

Logo, diante das pesquisas e da aula de campo, pude mudar a visão que tinha sobre os assentamentos, a realidade que nos é repassado pela mídia é totalmente diferente, vemos pessoas que lutam pela terra, lutam pela utilização apenas para subsistência e não para obtenção de lucros.

Por fim, é importante colocar que para entender a luta pela terra é necessário buscar as informações, buscar conhecer o processo de lutas e conquistas em busca da reforma agrária.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p. Inclui bibliografia 1. Geografia Agrária 2. Questão Agrária 3. Renda da Terra 4. Reforma Agrária.

STEDILE, João Pedro, 1953 – Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil./ João Pedro Stedile, Bernardo Mançano Fernandes. -2.ed.-São Paulo: expresso popular, coedição Fundação Perseu Abramo, 2002.

FIALHO, Glaucia de Oliveira. O processo de conquista do assentamento estrela da ilha em ilha solteira/sp: luta pela terra e para nela permanecer, 2010.

SANTOS, Ricardo Menezes. A unidade de produção familiar camponesa como território de resistência à reprodução do capital no campo, UFS.

OLIVEIRAS, Ariovaldo umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária, 2001.

<http://www.incra.gov.br/assentamento>

<http://www.ceara.gov.br/component/content/article/5224/5224>

